

NA FALHA DELA MESMA

IN HER OWN FAILURE



Vol. II Número 22 Jul./Dez. 2016

Ahead of Print

Adriana Claudia Martins Figuera¹

RESUMO: No texto literário, *Na falha dela mesma*, há a personificação de Luz e de Alma. Essas personagens dialogam acerca do cotidiano de uma e de outra, enquanto refletem e refratam as relações humanas, as perdas do dia a dia e as aprendizagens de suas ousadas vivências. Com Luz e Alma o leitor poderá dar sentido ao que é aparentemente banal e, assim, reconhecer a si mesmo como um ser incompleto, falho, contraditório e incipiente. Luz guarda ou não o valor de si como se o objeto luz fosse. Desse modo, Alma é cúmplice nesta inexistência. O texto se justifica na literalidade e na possibilidade de se constituir em um momento reflexivo e significativo ao leitor.

PALAVRAS-CHAVE: reflexão; consciência de si; reconhecimento do outro; contraditório.

ABSTRACT: In this literary text, there is the personification of Light and Soul. These characters dialogue about one and another daily routine while they reflect and refract nearby the human relationships, discuss about the losses in every ordinary day and talk about their learning from the daring experiences. With Light and Soul the reader can make sense of what is apparently banal and thus, the reader can recognize himself as an incomplete, imperfect, contradictory and incipient person. Light keeps or not the light value from her as one light object she could be in life. In this way, Soul is a complicit in this absence. The text is justified in its literality and into the possibility to bring some reflexive moment and meaning to the reader.

KEYWORDS: reflection; self-awareness; other's recognition; contradictory.

Sim, ela quase sempre acordava os mais disparatados sentimentos quando do ambiente crepúsculo, desejando não mais do que a realidade em roupagem de pesadelo. Ousadia adornada em traje da tradicional existência, então, facilmente ficava:

Ligada.

¹Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: teacheradrianacm@hotmail.com.

Reservados à Alma eram os sentimentos dela: a Luz.

Iluminada, ela precisava compreender o não sentido que outros lhe atribuíam quando se referiam a ela. Contraditório e claro, escurecendo o óbvio, ali estavam ela, a própria Luz.

Era como se tivesse como adquirir uma mandala gigantesca a fim de garantir toda refração necessária, entretanto e depois, dava-se conta de que não teria como dependurar o adorno na entrada de seu, então, real e suspenso espaço.

Era Alma quem se sentava na melhor poltrona da varanda agraciada por Luz. Sobre o mais certo investimento, expectativa de alguma realização alienada. Alma ficava e continuava. Assim, ela mesma observava o quanto Luz padecia à própria vida que tivera e o quanto jazia escassa de si.

Não que a sua Alma a reconhecesse como vítima ou inquilina desalinhada, no entanto e sim, como cúmplice das ações do dia e da noite, auditora das escolhas que ela fazia e, ou faria nos hipotéticos púberes dias.

Ao olhar o vácuo da história de Luz, também eu me achava com Alma... Às vezes, quando em um abajur, víamos que Luz realizava-se e concretizava sonhos. Na alameda da lâmpada, era ela mesma quem assessorava nas singulares cenas das rotinas de cotidianos na sucessão do tempo.

Mas...

Que triste para Alma era a certeza dos limites de um e de outro, do não diálogo imprescindível, da engrenagem moendo a vida simples e simplificada. Quanta cumplicidade de Luz e sua Alma! Convivência de atos em momentos faltosos.

Contudo, a dificuldade não era de Alma se Luz tivera sonhos de dias perfeitos. A própria Luz desejava alterar sua denominação.

– Pode tamanho atrevimento?!

Para ela era designação demais aquele que tinha. O L seria sempre suficiente para Luz. U e z estavam no lugar do fim do alfabeto, por certo que nem eram importantes, então, por que comporiam seu nome e, ainda, por que seriam classificados como Próprios? Seriam?!

- Ou, exprimiria o sentido de e, exatamente por isso, estarem ali?!

Ela costumava continuar a ser na condição de quem se abanava na avelhantada namoradeira, acabada e não confiável e, nem tampouco pendente. Tudo porque ela desejava sentir a leveza das páginas marcadas à margem da estante, aquelas reeleitas nas alvoradas sem previsão de sol para esclarecer a vista que esbarava na ideia alheia, em ideias outras, injustificáveis para Luz, implicadas no que se chamava ser a não obscuridade.

Da mesma bancada, Alma também via os frutos de Luz que giravam em estrelinhas no ainda vazio do recinto e, por conseguinte, Luz igualmente notava-os.

Prontamente Luz convencia-se de que era, ainda, imprescindível ali. Seu futuro também estava presente, ainda que ela própria não fosse digna de tais estrelas, mesmo que não reconhecesse quaisquer astros no céu ou na terra, embora e assim, sentia-se responsável e soberba da feitura de arriscadas manobras.

Luz curti a inevitável desengano. Para Luz, o pensamento continuava refratando como se cristal fosse de si e para si. Luz aclamava no sorriso das lágrimas de outros e perguntava:

- O que seria da decepção se não fosse à expectativa de algo... E de um pouco...

Mais?!

E Luz ainda se enfeitava de sombra como se fosse a duende de si, contudo habitava na margem, na não esperança, na criancice dela mesma e desprovida de si, à espera de um momento charneira...

E, enquanto confiava na tal desilusão, Luz desejava que esta não viesse, de fato e por certo! E não estamos falando das atuações dela, das vivências, das ações, dos discorres e

das idolatrias que vinham e partiam a cada outro e mesmo sonho, demasiadamente imaginados, não reais, nada ideais.

- Fantasiais?! Humm...

Não falemos disso! Claro que não existiam, fulgentes não seriam!!!

Consequentemente e discretamente também eu ria de Luz, não quero declarar que isso acontecia porque era, digamos... Engraçado.

Nenhuma palavra para pronunciar, não mágicas declarações, somente um riso em mim e por ela. E ela era de tal modo admirada por conta de seu imediatismo planejado, pois a sujeita não se entendia na relação de suas moradas, das noites claras e cheias de devaneios. Luz não conseguia vincular a sala de diferentes casebres e nem quartos com quartos, banheiros se lavabos ou se garagens mais ou menos estacionáveis.

Muito inferiormente conseguia relacionar sentidos entre seus leitos de passagem, macas, colchões infláveis, chão e barracas... E alguma Luz!

- Oh Luz! Que falta não fazes para tantos enquanto o astro rei ilumina exclusivamente e tão-somente algumas biografias!

Ora... Enquanto e se Luz, repentinamente se extingue. Enquanto e se Luz sempre e continuamente consiste de um cintilado nada, só Alma... Porém e sim, a criatura Alma. Daqui, desta posição deslocada, sob um florescente guarda-chuva, canso-me novamente em vê-la e, agora, aborreço-me por reconhecê-la na própria falta e em seu fantasma de sentidos.

Ao olhar para ela, padeço e permaneço secreta como prontamente era. E, desse modo, descanso, pois enquanto estou oculta, apenas a vejo. E, neste viés viajo. Ando naquilo que advenho, quando do desaparecimento da Própria e da mesma...

Luz!